

CARVALHO NETO E A EDUCAÇÃO DOS *ANORMAES*

Maria do Socorro Lima¹
Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
Universidade Federal de Sergipe

Uma Contribuição à Formação do *Locus* Intelectual Sergipano

Os discursos do jurista e parlamentar Carvalho Neto permitem a nós pesquisadores chegarmos à sua atuação na condição de professor e, assim, construir a trajetória de suas práticas culturais, bem como suas práticas educativas.

Essa história foi retomada a partir de fontes que agora estão sendo estudadas, para fazer emergir o Antonio Manoel Carvalho Neto que se preocupou com os desafios da Educação. A maioria dos estudos que versam sobre ele deixou registros de relevância sobre sua prática como jurista e parlamentar. Nos estudos do Direito, ele foi denominado “O Precursor do Direito Trabalhista” (CARVALHO NETO, P. 1989); como parlamentar deu uma contribuição inestimável em Projetos significativos, tratando-se de direitos sociais e educação.

Propomos, aqui neste trabalho, sob a custódia da História dos Annales e da História Cultural, emprestar de Roger Chartier o conceito de representações para o embasamento teórico metodológico de nosso estudo. De acordo com Chartier, representações são:

As percepções coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida: enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas), da coerência e da estabilidade assim afirmada. (CHARTIER, 2002, p. 11).

Desta forma, vimos a possibilidade de estudar sob o aspecto da História Cultural, as práticas culturais e educativas de Carvalho Neto, pois, seu pensamento, seu agir e seu modo de ver a vida contribuíram, no nosso entendimento, para o enriquecimento da História da Educação no Brasil e em Sergipe.

Tomamos como primeira pista a dissertação de mestrado da professora Rita de Cácia Santos Souza, que apon- tou Carvalho Neto como um dos primeiros parlamentares bra-

sileiros a abordar no Congresso Nacional, em 1921, a educação para os “*anormaes*”. Carvalho Neto, integrante da Comissão de Instrução Pública, defendeu que seria preciso criar classes especiais e escolas de aperfeiçoamento com o objetivo de cuidar da Educação das crianças com problemas mentais.

Este projeto foi nosso objeto de estudo no trabalho em tela. Foi também pelo silêncio das fontes que estudaram a História da Educação que nos interessamos pelo tema: em vários livros relacionados ao campo educacional no início da República, sob a perspectiva da História Cultural, os “*anormais*” não foram citados. Destacamos, contudo, a pesquisa de Carlos Monarcha (1999), que aborda o tema na perspectiva da classificação das crianças, num estudo sobre a Escola Normal de São Paulo.

Nessa obra, Monarcha discute sobre o assunto, apresentando-o na forma que estava sendo tratado pelas autoridades, no início do século, e sua vinculação com a formação do normalista.

Em 1911, a pedido do diretor geral de Instrução Pública Quaglio realiza, entre os alunos do Grupo Escolar do Carmo e do Jardim de Infância anexo à Escola Normal da Praça, uma investigação sobre o desenvolvimento da infância anormal, aplicando as técnicas da antropologia pedagógica e da psicologia experimental. Utilizando-se de várias técnicas de medida, dentre elas a escala métrica da inteligência de Alfred Binet e Théodore Simon – provavelmente, a primeira aplicação da escala no âmbito escolar brasileiro-, Quaglio chega a resultados numéricos expressivos e produtores de uma imagem fixa e ampliada, que funciona como pretensa reprodução fiel da realidade dos grupos escolares (MONARCHA, 1999, p. 232).

Esses estudos tinham a finalidade de classificar as crianças de acordo com seu grau de inteligência. Não se tratava apenas de educar, mas de separar por classificação, uma vez que nos ideais republicanos estava inserida a proposta de civilizar, normalizar e enaltecer o amor aos símbolos republicanos. Um deles era a correção dos corpos, utilizando as práticas educativas na implantação de exercícios físicos, “para aperfeiçoamento dos sentidos humanos” (VAGO, 2002, p.335). Essa prática escolar era carregada de pretensões higienistas, marcantes na época.

A cultura escolar também reproduzia os símbolos de nacionalismo através do canto, dos desfiles cívicos, disciplina escolar e culto a Bandeira (SOUZA, 1998, p.265). As-

sim, identificamos o republicanismo também na obra de Carvalho Neto que, nascido em 1889, recebeu educação primária, ginasiana e superior na linha mais representativa da fase republicana. O sentimento de nacionalismo era muito forte em Carvalho Neto. Em autores como Carlos Monarcha (1999), Rosa Fátima de Souza (1998) e Mauro Vago (2002), que desenvolveram trabalhos sobre as práticas culturais e educativas nas décadas iniciais da República, os ideais oriundos da Ilustração Francesa estavam presentes; era nesse enfoque que a instrução seria trabalhada.

Nos primeiros anos da República se registrou que apenas 7,3% da população em idade escolar freqüentavam as instituições oficiais de educação (PINHEIRO, 2002, p.69). Com esse dado, o autor, cuja obra percorre a História dos Grupos Escolares da Paraíba, conclui que a mudança do regime imperial para republicano não modificou a realidade no que diz respeito à Educação.

Inicia-se a Era dos Grupos Escolares, muda-se a denominação das Cadeiras Isoladas, que passam a se chamar Escolas Elementares e Escolas Rudimentares. Entre 1916 a 1929, coexistem os dois modelos de ensino. A partir da década de 1930, os Grupos Escolares passam a ser predominantes. Eles cumprem, para o autor, o papel da Escola modernizadora dos costumes. Na visão dos gestores da Paraíba, o modelo agora apresentado pelos grandes Estados, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, irá desenvolver a sociedade paraibana, pois são os símbolos máximos para a irradiação dos ideais do “nacionalismo patriótico”. Pinheiro realiza, a exemplo dos demais autores, um estudo que demonstra os ideais republicanos no Brasil e o que acontecia nas entrelinhas daquelas realizações.

Através da leitura desses autores citados anteriormente, encontramos aspectos comuns entre seus estudos e algumas abordagens sobre educação em obras escritas por Carvalho Neto, no que diz respeito aos símbolos ou signos republicanos, bem como seu entorno político, cultural, social e econômico.

Foi também numa obra literária que descobrimos o perfil do “último varão da república”, expressão utilizada pelos amigos para definir Carvalho Neto. Numa obra intitulada **O Pensamento Vivo de Carvalho Neto**, para comemorar seu centenário (1889-1989), localizamos indícios de um autor que tinha nos ideais da República a esperança de um maior desenvolvimento social, sobretudo voltado para a instrução. Percorrendo o **Pensamento Vivo de Carvalho Neto**, localizamos ainda a intenção do autor na elaboração de um perfil biográfico do pai.

Descobrimos que poderíamos trilhar pelos caminhos que buscam na literatura fontes capazes de conduzir o trabalho do historiador, encontramos ainda, em **O Ateneu**, de Raul Pompéia, as características do nacionalismo republicano. Sua personagem principal, o Diretor e professor Aristarco encarnava a rigidez disciplinar, e as práticas educativas adotadas em seu colégio representavam a passagem da Monarquia para a República (POMPÉIA, 2003, p.112). **O Ateneu** não é um livro de história, mas prova que da Literatura podemos extrair pistas para pesquisar. Da mesma forma, vimos a possibilidade de se escrever História da Educação com livros como **Cazuza**, resultado da tese de doutoramento de Maria do Amparo Borges Ferro. Essas obras identificam elementos contidos no perfil intelectual e nas práticas culturais de Antonio Manoel de Carvalho Neto, nosso objeto de estudo.

Aliado à literatura e outras obras que nos permitem ampliar os olhares de fontes históricas, encontramos Peter Burke, cuja historiografia sobre **O Movimento dos Annales** (como ele chamava a Escola dos Annales) apresenta temas que antes não eram privilegiados pelos historiadores. Após sua terceira geração (1960) passam a ocupar lugar que vai “do porão ao sótão” (BURKE, 1992, p.81).

Em se tratando de História da Educação, não poderíamos deixar de lado o trabalho de duas historiadoras que invocam o tema sob a perspectiva da Escola Nova no Brasil: Eliane Lopes e Ana Maria Galvão. Em **História da Educação**, elas atestam que o século XX traz novos debates acerca da educação “auxiliada por ciências novas como a Psicologia e a Sociologia” (LOPES e GALVÃO, 2001, p.23). Assim, a escola passa a ser vista sob outros olhares. É nesse contexto que se buscam e encontram novos objetos para se escrever outras histórias.

Carvalho Neto pode ser inserido no rol de pensadores que teceram o novelo da História da Educação Republicana e seus métodos escolanovistas, pois ele era, por exemplo, contra a imposição do castigo, do uso da palmatória ou qualquer tipo de repressão (CARVALHO NETO, 1989, p.20).

Seguindo na direção da História Cultural, procuramos conversar com pessoas ligadas ao Direito para coletar informações sobre Carvalho Neto. Num primeiro momento, buscamos bibliografias que nos colocassem em contato com a vida de Carvalho Neto. Chegamos então, a Wagner Ribeiro, advogado sergipano, professor aposentado da Universidade Federal de Sergipe, membro da Academia Sergipana de Letras e escritor. Wagner nos falou sobre a relevância de Carvalho Neto nas tribunas parlamentares, estadual e fede-

ral, entre 1912 e 1954, revelando seu caráter combativo e sua contribuição inigualável nos trabalhos sobre Direito Penal e Direito do Trabalho. Informou e destacou sua participação em Comissões Parlamentares de Educação. Além das informações, Wagner nos cedeu um material significativo sobre a obra de Carvalho Neto.

Wagner Ribeiro nos informou que o Professor Luís Antônio Barreto, jornalista, pesquisador, escritor e também membro da Academia Sergipana de Letras, poderia nos dar muitas informações sobre Carvalho Neto. Num encontro mediado por Raylane Barreto, esposa de Luís Antonio Barreto, ele nos colocou à disposição, o acervo do Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura, instituição mantida sob sua custódia. Dentre o material garimpado no Instituto, encontramos o livro **No Parlamento**: discursos e projectos, que foi objeto de análise no trabalho em tela.

Continuando a pesquisa das fontes documentais, encontramos informações que confirmaram nossa vontade em construir a trajetória de Carvalho Neto, através de suas práticas culturais e educativas. Encontramos o livro “**O Pensamento Vivo de Carvalho**”, escrito pelo seu filho Antônio de Carvalho Neto, que como o pai, também havia seguido a carreira de Direito. Consideramos essa obra de valor inestimável, pois nela encontramos um panorama do pensamento intelectual e cultural de Carvalho Neto, nosso objeto de estudo.

Esse livro demonstra, em quase todos os textos, que a representação da educação em suas obras, contribui sensivelmente para a evolução dos estudos da História da Educação em Sergipe e no Brasil, como podemos ver através desse excerto.

Professora pública primária, Leonor da Silva, sua mãe, era uma dessas mulheres abnegadas servidoras do Estado, que trocam a alegre mocidade pelo amargo de sua infinita dedicação ao ensino. Mal pagas desassistidas, vítimas embeles de suspeitas e mexericos, são as bandeirantes incompreendidas da formação mental na nacionalidade.

Atiram-se pelos sertões desconhecidos, pelas fazendas, pelas usinas, pelos povoados mais distantes no interior e lá fundam, a Escola que o Governo apenas sabe existir pelo decreto de sua criação.

São elas a vida espiritual, o canto, o hino, o sentido da Pátria nesses confins abandonados. Ensinam letras, o patriotismo, deveres e religião, moral e prendas, a bandeira e a fé, missionárias do Brasil nessas pagagens de conquista. Cedem, às vezes, à lei do

amor e quase sempre, ao império da necessidade:
casam-se!

(CARVALHO NETO. *Vidas Perdidas*. Bahia, 1948).

Na obra citada, levantamos dois aspectos: a discordância do autor sobre a situação da mulher professora e a denúncia quanto ao tratamento que o Governo lhe reservava, ao mesmo tempo em que relata as representações da profissão docente nas primeiras décadas do século XX; o que podemos comprovar com o cotejo de fontes oficiais, por exemplo.

Pelo exposto, levantamos a seguinte hipótese: ao denunciar o descaso do Governo com a Educação e tratar criticamente o lugar da mulher como professora, Carvalho Neto teve uma prática educacional militante.

As representações do trabalho docente entre 1920 e 1950, identificadas na obra de Carvalho Neto, foram analisadas também no livro da Professora Doutora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas (2003), que desenvolveu um estudo sobre as representações das ex-normalistas, entre as décadas de 1920-50. Seu livro, **Vestidas de Azul e Branco** (2003), abriu perspectivas para diversos trabalhos sobre trajetórias de mulheres sergipanas, que perceberam na educação formas de ingresso em outras profissões ou posição de destaque na sociedade sergipana. A professora Anamaria trabalhou com as “histórias de vidas resumidas”, o que permitiu que, através de depoimentos, identificasse as representações e práticas sociais das normalistas. **Vestidas de Azul e Branco** foi um dos trabalhos lançados que compuseram a coleção Educação é História, do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, da Universidade Federal de Sergipe, coordenado pelo Professor Doutor Jorge Carvalho do Nascimento

Seguindo o caminho de outros estudos biográficos e literários, identificamos a história e perfil de outros (as) profissionais, como intelectuais da educação e professores (as). Reportando-nos a obras que discorrem sobre a vida de Carvalho Neto, cotejamos as fontes e encontramos aproximações nas representações encontradas sobre as práticas culturais das primeiras décadas do século XX. Percebemos, por isso, que através da literatura, textos biográficos, teses e projetos, podemos levantar novas fontes, novos discursos e apresentar um novo trabalho, para uma contribuição à História da Educação em Sergipe. Como profissional docente, jurista, parlamentar, Antonio Manoel de Carvalho Neto foi presença significativa na Literatura; foi orador oficial do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e dirigiu por quase uma década (1930) a Academia Sergipana de Letras. Para

nós, trata-se de um nome que deverá preencher lugar na História da Educação, representando não apenas o Estado de Sergipe, mas também o Brasil.

Neste trabalho, escolhemos seu Projeto “*Educação dos Anormaes*”, defendido no parlamento nacional em 1921. Nele analisamos quais as bases de sua construção e defesa.

Em realidade, esperamos estar no limiar de mais uma pesquisa ligada à História da Educação. Ainda “há muito por fazer” (NASCIMENTO, 2003, p.72). E como não há pesquisa que se esgote, concordamos com o mesmo professor Doutor Jorge Carvalho do Nascimento. Por isso, desejamos que novas pistas sejam encontradas nesta caminhada, a fim de que possamos enriquecê-la.

“O último verão da República”: em defesa da Educação

Carvalho Neto era admirado, sobretudo, pelo seu domínio com as palavras, pela sua oratória perfeita e magnânima, pelos seus gestos contundentes na defesa da palavra. Assim se referiu a ele, João E. Cajueiro,

A língua em que se expressava Carvalho Neto, era a do escritor que estava em permanente convívio com os livros dos grandes mestres da linguagem lídima. A sua sintaxe era escorreita na concordância, bem assim na construção. Da regência de que incidem as mais das vezes em gravíssimos erros aquêles que desamam os preceitos da disciplina gramatical, estabelecidos pelo exemplo inconcusso dos clássicos, Carvalho Neto mostrava-se dono de invulgar conhecimento.

(...) “*Advogados*”, pela elevação da matéria versada e pela quintessência da forma literária, é um monumento grandioso, erecto ao culto magnífico do Direito da portuguesa língua Luso – Brasileira. (CAJUEIRO. 1956. p, 6)

É assim que examinamos a defesa realizada por Carvalho Neto, quando da apresentação de seu projeto, em 14 de outubro de 1921. O autor do projeto facilita para o pesquisador a leitura de seu texto. Em primeira mão, ele percorre os caminhos nos quais se encontra a Educação e o tratamento dado às crianças *anormaes*.² No primeiro momento, ele expõe a situação dos *anormaes*, em vários países, como França, Alemanha, Itália, Rússia, Áustria, Estados Unidos e o Brasil.

Sua defesa está fundamentada em como esses países tratam a educação. Para ele, os demais países, especialmente

a França e os Estados Unidos da América são os exemplos de desenvolvimento social e maiores referenciais para se resolver temas como a Educação.

Na apresentação de seu projeto, Carvalho Neto exalta as várias tentativas do Brasil na ânsia de se resolver as questões educacionais, mas apesar disso, declara que “*não se discutiu no Congresso Nacional, na precisão de seus devidos termos, o que seja e como solucionar a Educação dos Anormaes*” (CARVALHO NETO. 1921. p.,41).

Compreendemos, portanto, que mesmo com o assunto levado à baila, muitas vezes, ao Congresso, não se resolveu a operacionalização para sua realização; mais precisamente, as medidas econômicas. Carvalho Neto, que lutava por uma regulamentação na legislação, também propunha como a União poderia capitalizar subsídios para concretizar a criação de escolas e classes para as crianças *anormaes*, bem como criticava a situação no Brasil.

Refiro-me á these constitucional da competência da União, várias vezes trazida a debate, orientado hoje por uma corrente vencedora, mas não de todo serenadas as divergências em face da interpretação da magna Carta. (CARVALHO NETO, 1921, p.41).

Conforme foi dito, em França estava um dos maiores exemplos em avanços pedagógicos. Foi nesse país que se discutiu e despontou o interesse pelo tema através da pedagogia científica, e ali se “germinou a idéa do tratamento dos idiotas, dos imbecis, dos atrasados, enfim (*arriés*)”.

(...) Itaval, Voisin, Esquinol e outros haviam explorado, apenas o assunto, sendo que o primeiro lhe dera orientação mais firme com o celebre caso do selvagem de Aveyron. Coube, porém, a Séguin, focalizar mais precisamente esses estudos, quando, em 1837, tratou em especial da educação de uma criança idiota. Conhecido seu methodo, chamaram-no á Bicetre, onde as suas investigações encontraram campo largo e apropriado, no anno de 1842. (CARVALHO NETO, 1921., p.44)

Os Estados Unidos figuram, ao lado da França, como um país de idéias avançadas e o mais alto exemplo de República.

Esses países estavam no eixo intelectual de Carvalho Neto; havia, em sua concepção, resolvido o problema da Educação, não só dos *anormaes*, como também dos *normaes*. Em sua fundamentação, Carvalho Neto apresenta os países

modelo, aponta profissionais no Brasil que trataram da questão, como Juliano Moreira, mas fala das dificuldades que o país tinha em apontar uma solução, pois, mesmo para os ditos normais, havia desmazelo no trato com a Educação.

Do Brasil, Carvalho Neto não traz boas críticas, pois, num tom sempre eloqüente e domínio da oratória, ele se compraz ao falar da *Educação dos Anormaes*.

Fora preferível, talvez, não escrever esta página, deixá-la mudamente em branco, a não copiar as cores escuras que vêm sombrear o quadro... Custa a crer que um paiz que alcança uma posição de saliência no mais elevado Tribunal do mundo, subindo lá pelo prestígio incomparável de Ruy Barbosa, custa a crer que uma nação, que vai pontificar pelo espírito, chegando á Augusta Assembléia das nações pelos atributos da intelligencia iluminada, esteja tão distante dessa esfera superior, na proeminência de sua educação (CARVALHO NETO, 1921, p. 51).

Carvalho Neto reclama sempre, ao longo de sua defesa, do descaso e o desmazelo nos quais se encontrava o Brasil em temas como Educação, Saúde, condições de vida e desenvolvimento para o seu povo. Contudo, suas críticas que carregam nas tintas, um tom de severidade, são acompanhadas de sugestões para a resolução dos problemas.

Considerações Finais

Para que não percam, recolhei os fragmentos. É a sentença sábia do evangelista. Principalmente quando têm brilho próprio e derramam luz nas sombras do passado, aclarando a História. Como certos estratos minerais, cristalizados no tempo, que sóem assinalar períodos de estrutura terrestre. Como as ruínas de antigos monumentos, por onde se recompõe, trecho a trecho, o fastígio ou a decadência de civilizações mortas.

Carvalho Neto

(“Fragmentos”, Diário de Sergipe de 12-1-46).

Concluimos a análise desse Projeto destacando dois pontos importantes: sua aprovação desencadeou uma série de discussões em nível nacional. Após a defesa do Projeto no Parlamento Nacional, por determinação do então presidente do Estado, General Pereira Lobo, Carvalho Neto representou Sergipe na Conferência Interestadual de Ensino Primário, de

12 de outubro a 16 de novembro de 1922, em fins do Governo de Epitácio Pessoa. No Congresso, ele foi o primeiro parlamentar a abordar a transformação do tema em medida legislativa. Tanto o próprio Carvalho Neto como seus pares, viam nesse Projeto umas das mais importantes defesas em se tratando de instrução pública. Muitos foram os que já haviam levantado o tema, porém, conforme registro na sessão parlamentar de 14 de outubro de 1921, pela primeira vez o tema foi abordado com inigualável propriedade.

Em sua defesa, percebemos aproximações das práticas culturais de Carvalho Neto aos discursos de modernização na educação brasileira. A criação de escolas de aperfeiçoamento e classes especiais em 1921, permitia mais de uma possibilidade para o que chamamos hoje de inclusão social. Com certeza causou um grande impacto naquele período de primeiras décadas republicanas.

Outro ponto relevante no Projeto foi a instituição de um curso especial de patologia científica aplicada aos *atrazados*, com contratação de professores da França ou dos Estados Unidos, bem como financiamento de comissão de médicos e professores em viagem a esses países, no intuito de prepará-los para a educação dos *anormas*.

De grande relevância foi a proposição de Carvalho Neto sobre as medidas econômicas que deveriam ser adotadas para a concretização do Projeto. Ele apresenta formas de garantir o financiamento, a exemplo de “dotações orçamentárias da União, dos Estados e do Município”.

A partir desse trabalho, o próprio Carvalho Neto atestou que “aquela importante questão científica”, nunca mais foi descuidada pelos “mestres pedagogistas” e técnicos da educação no Brasil. Carvalho Neto ofereceu a Sergipe “as láureas dessa conquista”.

Referências Bibliográficas:

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos *Annales* (1929-1989)**, 2ª edição, São Paulo: UNESP, 1992.

CARVALHO NETO, Antonio Manuel de. **Vidas Perdidas**, Salvador: Livraria Progresso, 1943.

_____. **Cinzas da Província**, Aracaju: curso de tipografia e encadernamento da Escola Industrial de Aracaju, 1955.

_____. **Casa de Laranjeiras**, Aracaju: Revista da Academia Sergipana de Letras, nº. 10, julho de 1943.

CARVALHO NETO, Antonio de. **O pensamento vivo de Carvalho Neto**: edição comemorativa do Centenário de A. Manuel de Carvalho Neto, São Paulo: 1988.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: A História entre incertezas e inquietude**, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Literatura escolar e História da Educação: cotidiano, ideário e práticas pedagógicas**, São Paulo: Faculdade de Educação da universidade de São Paulo, 2000 (tese de doutoramento).

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de Azul e Branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920 – 1950)**, São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003. (Coleção: Educação é História 3).

LOPES, Eliane Marta Teixeira & GALVÃO Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**, Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes**, Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1999.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia Educacional Sergipana: uma crítica aos estudos da História da Educação**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003 (Coleção: Educação e História, 1).

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Da Era das Cadeiras Isoladas à Era dos Grupos Escolares na Paraíba**, Campinas, SP, Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002. – (Coleção Educação Contemporânea)

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**, São Paulo, Nova Cultural, 2003.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890 -1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SOUZA, Rita de Cácia Santos. **Educação Especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas**, Dissertação de Mestrado em Educação, São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2000.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos Corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)**, Bragança Paulista, EDUSF, 2002.

NOTAS

¹ E-mail: md.lima1962@uol.com.br/anagbueno@uo.com.br

² Esta era a forma da escrita na época. Esse termo foi transcrito do Projeto, e o identificarei com itálico, a fim de destacar a escrita em 1921. Os textos transcritos obedecem às normas então vigentes.